

Sesctv



Agosto/2014 - edição 89
sesctv.org.br

CURTA-METRAGEM **EPISÓDIOS INÉDITOS DA SÉRIE CURTADOC**

MÚSICA

**SIMONINHA, SANDRA DE SÁ,
IZZY GORDON E BANDA DO
SÍNDICO FAZEM SHOW DE
TRIBUTO A TIM MAIA**

DOCUMENTÁRIO

**VIDA E OBRA DE
GIANNI RATTO NO
LONGA-METRAGEM A
MOCHILA DO MASCATE**



musical

Jussara Silveira

com participação de Tiago Torres da Silva

dia 17/9, às 22h

Foto: Alex Ribeiro

Acompanhe: sesctv.org.br



Sesc^{tv}

LEMBRANÇAS INESQUECÍVEIS

O legado de um artista é a sua obra. A arte precisa daqueles dispostos a quebrar e criar novos paradigmas. Com um gênero musical próprio ou revolucionando a cenografia, dois artistas criaram novas referências e deixaram como herança obras que inspiram gerações até hoje. Tim Maia conheceu direto da fonte a *soul music* americana, mas misturou uma pitada de música brasileira criando um suingue único e composições marcantes. Gianni Ratto fez um caminho inverso, saiu da Itália e firmou residência em solo brasileiro pela vontade de ser diretor de teatro. Fundou e dirigiu a Companhia Teatro dos Sete e diversos espetáculos.

Esses dois artistas são homenageados, neste mês, no SescTV. Simoninha, Sandra de Sá, Izzy Gordon e Banda do Síndico prestam Tributo a *Tim Maia*. Gianni Ratto terá sua vida e obra contada no documentário *A Mochila do Mascate*.

Outro destaque da programação, o episódio *Lembranças de Guerra*, da série CurtaDoc, traz duas guerras, uma conhecida mundialmente e outra desconhecida do grande público. Os documentários abordam de formas diferentes o tema, marcante para quem passou por essa experiência.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista a cineasta Gabriela Greeb, que conta o processo de produção do documentário *A Mochila do Mascate*. No artigo, a doutora em Comunicação e Semiótica, Elen Doppenschmitt, traça um panorama da produção Latino-Americana de documentário. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: Curta Murale por La Identidad, no episódio Arte Pública, da série CurtaDoc
Foto: Divulgação

ÍNDICE

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4

ENTREVISTA - Gabriela Greeb 8

ARTIGO - Elen Doppenschmitt 10

Harmonia de sons



FOTO: GAMBHIRA PHOTO ART

Apassionado pela música desde pequeno, o compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos compôs diversas obras para um dos mais populares instrumentos, o violão, que viraram ícones para os violonistas. “É impossível um violonista não passar pelo legado de Villa-Lobos, é uma coisa obrigatória. Dentro da sua obra, os *12 Estudos* são certamente a obra mais importante do século 20 para o violão”, afirma Paulo Martelli, professor e curador do projeto Movimento Violão.

Villa-Lobos mesclou o erudito ao popular ao introduzir o violão na orquestra sinfônica. “Ele compôs 52 peças para violão e certamente essas peças abriram novas perspectivas e possibilidades para que outros grandes compositores se instigassem a compor e dedicar peças para o instrumento”, acredita Humberto Amorim, autor do livro *Heitor Villa-Lobos e o Violão*.

Os *12 Estudos* são um marco para o instrumento no Brasil. “Ele é certamente o compositor mais importante do violão no século 20. A mentalidade dele em relação ao instrumento é absolutamente revolucionária. Pode-se dizer que existe um violão antes e outro depois de Villa-Lobos”, diz Martelli.

O compositor aprendeu a tocar violoncelo com o pai. Mas foi por meio do choro, e a contragosto dos pais, que o compositor interessou-se pelo violão. Sua música

trazia a brasilidade do país que conheceu de norte a sul. Villa-Lobos participou da Semana de Arte Moderna de 1922 e influenciou, e ainda influencia, os grandes compositores brasileiros. “Eu diria que a música sinfônica mundial começa com Beethoven. No Brasil, o peso da nossa música, na minha opinião, começa com Villa-Lobos”, expõe Rodrigo Vitta, regente da Orquestra Metropolitana.

Neste mês, estreia no SescTV o concerto Paulo Martelli e Orquestra Metropolitana – Especial Villa-Lobos, que homenageia o compositor brasileiro. O concerto faz parte do projeto Movimento Violão, uma série de concertos com violonistas de diferentes partes do País, com repertórios que vão de releituras da música popular a interpretações inéditas de peças eruditas.

Em sua temporada Sinfônica, exhibe concertos inéditos gravados em 2013, ano em que o projeto celebrou uma década de existência. Ainda este mês serão exibidos: Eduardo Isaac e Orquestra Metropolitana – Especial Radamés-Gnattali; e Duo Siqueira Lima e Orquestra Metropolitana – Especial Sérgio Assad. Direção para TV de Fabiola Braga e Flávio N. Rodrigues.

EPISÓDIOS INÉDITOS DA SÉRIE APRESENTAM CONCERTOS QUE UNEM O VIOLÃO À ORQUESTRA SINFÔNICA



MOVIMENTO VIOLÃO



Terças-feiras, às 20h

**Eduardo Isaac e
Orquestra Metropolitana – Especial
Radamés-Gnattali**

Dia 5/8

**Paulo Martelli e
Orquestra Metropolitana – Especial
Villa-Lobos**

Dia 12/8

**Duo Siqueira Lima e
Orquestra Metropolitana – Especial
Sérgio Assad**

Dia 19/8

Curtas Memórias

CURTA CIDADE IMPROVISADA. FOTO: DIVULGAÇÃO



“Todas as guerras são civis, porque todos os homens são irmãos”, François Fénelon. A guerra é um acontecimento que marca profundamente e deixa sequelas emocionais, e muitas vezes físicas, em quem vivenciou um conflito de perto. Os filmes podem recordar e retratar essa época de diferentes formas. “A dimensão mais desafiadora é a maneira como o próprio filme é capaz de ativar a memória”, diz Amaranta Cesar, professora de Cinema.

O episódio inédito da série CurtaDoc, *Lembranças de Guerra*, traz dois curtas-metragens que rememoram duas guerras, uma que não chegou ao conflito físico e a 2ª Guerra Mundial, uma das mais sangrentas batalhas. *O que Bererico vai pensar?*, de Diego Scarparo, conta o conflito de duas famílias descendentes de italianos que moravam no distrito de Burarama, em Cachoeiro de Itapemirim, no interior do Espírito Santo. As famílias Gava e Perin tornaram-se rivais políticas por discordarem ideologicamente. De um lado os Gava eram adeptos do Movimento Integralista, por outro, os Perin eram anti-integralistas. “Foi uma

disputa por poder, em todo lugar onde há disputa por poder há conflito”, acredita o professor Dr. Pedro Ernesto Fagundes.

“O filme em si é um gesto de ruptura do silêncio, um artefato que coloca as pessoas para falar, e falar juntas; mesmo que não estejam no mesmo espaço, as falas delas se completam. São falas que remetem a uma história singular, mas que é comum a todos daquela comunidade”, afirma Amaranta.

O curta-metragem *Abrasive*, de Lucas Gervilla, entrevista veteranos que lutaram na 2ª Guerra Mundial, pela Força Expedicionária Brasileira (FEB). O filme procura dissociar as vozes dos rostos por meio de imagens de paisagens. Os ex-soldados contam episódios de suas vidas que antecederam a guerra. “Eu acho interessante essa dissociação do corpo que fala, com uma imagem que é uma imagem outra. E são imagens que dão essa sensação de resíduo”, diz Amaranta.

Neste mês, o SescTV estreia quatro episódios da série CurtaDoc. Cada episódio, com uma hora de duração, apresenta documentários em curta-metragem de países como Argentina, Cuba, Uruguai e Brasil, organizados tematicamente e comentados por um profissional da área. *Arte Pública*; *Quarto de Costura*; *Lembranças de Guerra*; e *Continente Urbano*. Direção de Kátia Klock.

SÉRIE ESTREIA EPISÓDIOS QUE ABORDAM TEMAS DIVERSOS DA PRODUÇÃO LATINO-AMERICANA DE CURTA-METRAGEM

CURTADOC

Terças, 21h

Arte Pública

Dia 5/8

10

Quarto de Costura

Dia 12/8

L

Lembranças de Guerra

Dia 19/8

L

Continente Urbano

Dia 26/8

12

O Homem de Teatro

FOTO: GEORGES DE GENEVRAVE



A cenografia de um espetáculo é também a alma de uma peça. O cenógrafo tem o dom de transportar a plateia para dentro da cena. Um dos mais conceituados cenógrafos do Brasil e da Europa, Gianni Ratto, acredita que, em um trabalho bem realizado, o conjunto se destaca. “A visão da cenografia e do espetáculo é condensada em uma coisa única. Quando o espetáculo é realmente unitário, a gente não se lembra se tem cenografia, se tem figurino”, afirma.

Inovador para o período, Ratto desenvolveu uma técnica especial utilizada na ópera *La Traviata*, apresentada no Piccolo Teatro, na Itália: uma mistura de arquitetura com croqui aquarelado. “O que eu fiz era um trabalho de arquitetura, eu fazia croqui aquarelado e transferia esse croqui para o cenário. Foi um escândalo por um lado e um sucesso por outro. Os conservadores acusavam que não tinha um cenário realista”, relembra.

Italiano de nascimento, Ratto escolheu o Brasil para viver, no final da década de 1950, e expandir sua arte da cenografia para a direção de teatro. “A partir do momento em que decidi fazer teatro no Brasil, esse país passou a ser o meu, é a minha terra, minha mente, meu pensamento”, afirma. O convite para cenografar e dirigir o espetáculo de inauguração do Teatro Maria Della Costa, *O Canto da Cotovia*, partiu da própria atriz que dá nome ao teatro. “Ele era considerado um dos sete maiores cenógrafos do mundo. E parece que ele estava com vontade de conhecer o Brasil”, afirma a atriz Maria Della Costa.

No Brasil, Ratto dirigiu diversas peças, fundou e dirigiu a Companhia Teatro dos Sete, em 1958, composta por Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Sérgio Britto e Ítalo Rossi. “Eu era uma massa bruta pre-

disposta para o palco, o Ratto não domesticou, nem submeteu. Pelo contrário, eu acho que ele abriu a minha vida, o conceito que eu tenho sobre fazer teatro e me educou para o teatro. Devo isso a ele”, admite a atriz Fernanda Montenegro.

A percepção de Ratto acompanhou as mudanças tecnológicas e as novas tendências, o culto ao belo deu lugar às luzes. “A luz passa a ser realmente um dos dados mágicos que permite mudar, interferir e transformar um clima já existente. A ausência no teatro é tão importante quanto a presença”, acredita.

O SescTV exhibe, neste mês, o documentário *A Mochila do Mascate*, com direção de Gabriela Greeb, inspirado no livro homônimo de Gianni Ratto. No filme, o cenógrafo e diretor de teatro conta sua trajetória, visita a Itália e os teatros em que realizou trabalhos e conhece um primo. O documentário traz ainda depoimentos de artistas nacionais e internacionais. Gianni Ratto faleceu em 2005, aos 89 anos.

DOCUMENTÁRIO DIRIGIDO POR GABRIELA GREEB MOSTRA A VIDA E A OBRA DE GIANNI RATTO

▶ DOCUMENTÁRIO

A Mochila do Mascate

Dia 16/8, às 22h



Tributo a Tim Maia

FOTO: GAMBHIRA PHOTO ART



Com suíngue próprio, voz potente e jeito polêmico, Tim Maia deixou um legado de sucessos cantados em unísono pela maior parte das pessoas. A obra do artista perpassa três gerações da música brasileira e inspira ainda hoje artistas e fãs. “O Tim era um cara incrível, tinha um coração enorme. Era um gênio”, diz a cantora Sandra de Sá.

Carioca da gema, Tim começou sua carreira ainda criança com a banda Tijucanos do Ritmo, cantando em paróquias. Em 1957 formou o grupo Sputniks, com Roberto Carlos. Essa parceria influenciou a produção de Roberto na época da Jovem Guarda, inspirando músicas com um ritmo mais funkeado. Na adolescência, Tim morou nos Estados Unidos, onde teve contato com a *soul music* americana. O estilo serviu de inspiração para a criação de um estilo próprio misturando o *soul* americano com uma pitada da música brasileira. Por isso, é considerado o pai da *soul music* brasileira.

“Ele mixava muito bem os discos, aprendeu nos Estados Unidos. Quando o músico lançou o álbum *Tim Maia*, em 1970, foi uma coisa completamente diferente do que se ouvia na época. A concepção de *black music* que ele trouxe de lá, com a bateria mais aparente. Ele ficou 24 semanas em primeiro lugar com *Primavera*, inédito isso no Brasil”, afirma o ex-saxofonista da banda Vitória Régia, João Batista.

A carreira do músico se consolidou a partir de 1970 com o lançamento do disco *Tim Maia*, que vendeu mais de duzentas mil cópias, e trouxe sucessos como *Azul da*

Cor do Mar, *Eu Amo Você* e *Primavera*. Na década de 1980, o músico dominou as paradas e emplacou sucessos consecutivos, de Jorge Ben Jor ganhou o apelido de síndico do Brasil. Tim esteve envolvido em diversas polêmicas durante sua carreira. Morreu em 1998 e deixou um legado de sucessos que repercutem ainda hoje na música brasileira.

O SescTV exhibe, neste mês, o show Tributo a Tim Maia, gravado no Sesc Pinheiros em fevereiro de 2013. Com participação dos cantores Simoninha, Sandra de Sá, Izzy Gordon e a Banda do Síndico. No repertório, os grandes sucessos do artista como *Sossego*, *Do Leme ao Pontal*, *Não Quero Dinheiro* e *Descobridor dos Sete Mares*. Com direção para a TV de Coí Belluzzo.

SHOW HOMENAGEIA O MÚSICO QUE É CONSIDERADO O PAI DA SOUL MUSIC BRASILEIRA

▶ MÚSICA

Tributo a Tim Maia

Dia 27/8, às 22h



Paisagens da vida

FOTO: ADAUTO PERIN



Gabriela Greb, cineasta e apaixonada por filosofia. Greb morou 12 anos na Europa, onde teve contato com o cinema pela primeira vez. Foi assistente de direção, roteirista, continuísta e diretora. Estudou como ouvinte na The London Film School, uma das mais cobiçadas escolas de cinema do mundo. Seu primeiro longa-metragem, *A Mochila do Mascate*, foi sucesso de crítica e retrata a vida e obra do cenógrafo e diretor de teatro Gianni Ratto.

“VOCÊ CONSEGUIU MINHA FILHA, O FILME É TRANSPARENTE COMO A MINHA CABEÇA, DISSE-ME GIANNI APÓS A PRIMEIRA EXIBIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO”

Por que você decidiu fazer um filme sobre a vida e o obra de Gianni Ratto?

Eu fui convidada pela filha do Gianni Ratto, a Antonia Ratto. Quando eu voltei para o Brasil, fiz um filme sobre a música no Rio de Janeiro, *Floreados do Repique*. Antônia assistiu esse filme, procurou-me e disse: “Eu quero fazer um filme assim para o meu pai, poético”. O Gianni estava com idade avançada. Fizemos o filme com uma equipe de seis pessoas, pegamos o Gianni em cadeira de rodas e fomos para todos os lugares importantes da vida dele. Porque senão ele iria morrer, e faleceu dois meses depois do filme ser finalizado. Foi emocionante porque a Antônia confiou em mim.

Como foi a viagem para a Itália?

O Gianni veio para o Brasil e nunca mais voltou para a Itália. Ele foi contando tudo isso ao longo da viagem. Chegando no Teatro alla Scala, em Milão, todos falavam: “Gianni, você está vivo, você existe!”. Tem uma ala no Scala dedicada a ele. Ele não sabia, mas tinha uma moça escrevendo um livro sobre ele.

Foi muito emocionante, ele chorou, reencontrou pessoas. Porque na Itália o Gianni também fez revolução, como estava no pós-guerra e a Europa estava também empobrecida, ele decidiu fazer pinturas em vez de construir todo o cenário. Foi mágica essa viagem, encontramos por acaso Dario Fo (escritor, dramaturgo e ator italiano), que disse que Gianni era o mestre dele. Conhecemos um primo dele, que recebeu a herança da mãe do Gianni, porque ninguém sabia onde ele estava.

Qual foi a reação do público quando assistiu ao documentário pela primeira vez?

A primeira apresentação do filme foi na Mostra de Cinema de São Paulo. Todos aplaudiram o Gianni de pé, durante 15 minutos. E ele me disse: "Você conseguiu minha filha, o filme é transparente como a minha cabeça". Ele era muito exigente, era um filme difícil, com a câmera na mão. Era um filme de linguagem.

Como foi a pesquisa para a elaboração do roteiro, vocês conversaram antes com o Gianni?

O filme foi baseado no livro *A Mochila do Mascate*, que é uma autobiografia que eu li por completo depois que terminei o filme. A Antônia fazia o papel do Gianni, ela foi coautora do roteiro. Em uma semana fizemos o roteiro, separamos por linguagem e assunto. O Gianni estava disponível o tempo todo. Ele participou nesse sentido, quando ele via que tinha alguma coisa errada, ou quando tinha alguma opinião para dar.

Eu acho que o mais legal de tudo é o filme dentro do filme. Uma coisa é o filme todo, outra é você ver que efetivamente o Gianni está olhando pela última vez todas as paisagens da vida dele, isso é uma alegria. Porque ele não voltou lá, ele morreu depois. Sabe aquela coisa de que quando você morre você revê todas as paisagens da sua vida? Com ele aconteceu isso no cinema.

Como você definiria o Gianni Ratto? Depois que você fez esse filme e conviveu com ele. Quem era o Gianni Ratto para você?

Em primeiro lugar era um homem de teatro, e o teatro para ele era o mundo. Gianni era sabedoria, sinto que fiquei mais inteligente depois do filme, às vezes estou fazendo alguma coisa e penso: "Como o Gianni faria?"; tento incorporar um pouco dele. O Gianni era isso, agradável, irônico, engraçado, com bom humor e pleno de vida.

Você morou durante muito tempo fora do Brasil. Sua carreira como cineasta começou em terras estrangeiras. O que de mais importante você tirou dessa experiência que está presente no seu trabalho?

"DOU UM MERGULHO MUITO FUNDO QUANDO FAÇO UM FILME, NÃO SOU DAQUELE TIPO QUE QUER FAZER UM FILME POR ANO"

Eu aprendi a fazer cinema pela base, direito. Na França, por exemplo, você nunca pode fazer uma edição, tem uma pontuação, você tem que fazer primeiro a continuidade, o laboratório. Eu aprendi a fazer um cinema europeu de autor, as pessoas se reúnem entorno de uma ideia, de um conceito. Todos te ajudam, o laboratório revela de graça, tem um movimento para que a cultura se faça, no Brasil tem um movimento para que o mercado do cinema aconteça, para que tenha filmes de bilheteria, mas os filmes independentes no Brasil ficam à margem.

Por que voltou para o Brasil?

Os filmes que eu fiz na França faziam sucesso, mas eu não sentia que eles dialogavam com os outros filmes. Eu sentia que eu era um mundo à parte e que, se fosse fazer cinema, eu queria entrar em um diálogo com o mundo. Senti que eu precisava voltar para o Brasil para poder começar realmente. Regressei ao Brasil em 2000.

Como é o processo de criação para você?

Dou um mergulho muito fundo quando faço um filme, não sou daquele tipo que quer fazer um filme por ano, quero fazer um filme a cada cinco anos. Os filmes de cinema são mergulhos muito profundos. Eu faço roteiro, direção, edição. Vira um filme e sai de mim, é um parto. O filme do Gianni faz 10 anos, até hoje quando assisto eu fico com um sorriso bobo na boca. É uma parte de mim.

Quais são seus próximos projetos?

Fui convidada para fazer um filme sobre a escritora Hilda Hilst, é um filme em primeira pessoa, com uma atriz que interpreta a escritora, mas a voz é da Hilda. Já terminei a gravação, agora estou em busca de patrocínio para fazer a edição.

Potencial político do documentário latino-americano

Na América Latina, o documentário teve grande relevância nas lutas de emancipação política ou no diagnóstico de problemas sociais locais e igualmente na tradição cinematográfica por ter dado a conhecer nossa história e ter mostrado nosso povo para outras culturas. Por isso, podemos assegurar que seu duplo caráter de organizador das memórias bem como o de porta-voz das minorias ocultas, torna o documentário latino-americano um dos meios de expressão que mais se dissemina para nos representar fora das esferas convencionais. E isso porque, diferente do cinema de ficção, o documentário parece ter buscado expandir-se para além das salas de cinema, encontrando na TV, na internet e nas comunidades locais circuitos alternativos de exibição. Nesses lugares, exerce de forma mais profícua sua mais nobre função: a reflexão política. Essa dimensão relacionada à circulação dos documentários não é menos importante quando pensamos em outro papel que ele desenvolve: o de educar. Desse modo, o documentário latino-americano consolida-se com novos realizadores que estão fora do *mainstream*, com novos formatos, como é o caso dos curtas e das séries, e com isso conquista novos espectadores.

Diversos documentários recentes em nosso continente recuperaram o tema ditadura. Entre esses filmes podemos citar H.I.J.O.S. - *El Alma en Dos* (2002), dos argentinos Carmen Guarini e Marcelo Céspedes; os chilenos *Nostalgia de la Luz* (2010), de Patricio Guzmán; *El edificio de los chilenos* (2010), de Macarena Aguiló e *El Eco de las Canciones* (2010), de Antonia Rossi, assim como o paraguaio *Cuchillo de Palo* (2010), de Renate Costa. Dentre esses filmes citados duas coisas chamam atenção: a narração em primeira pessoa e, com exceção do documentário de Guzmán, o fato de que todos são realizados por jovens cineastas que buscam compreender suas próprias vivências quando crianças e o que se passou durante os anos duros. A contribuição desses filmes sobre o trabalho com arquivos selecionados a partir das subjetividades é o que parece ampliar a discussão sobre as políticas da memória e sobre a reflexão acerca dos efeitos da ditadura em novos contextos e para as novas gerações.

Em outra chave, também poderíamos citar os brasileiros Eduardo Coutinho com *Edificio Master* (2002) e *Jogo de Cena* (2007); *Ônibus 174* (2002), de João Padilha; *Santiago* (2007), de João Moreira Salles; e *Un Tigre de Papel* (2007), do colombiano Luís Ospina, diretores que utilizaram a entrevista como espinha dorsal em suas produções. Vale notar que os filmes mencionados são contemporâneos e coetâneos, o que também

seria interessante para pensar nos possíveis diálogos entre problemáticas e estilos. Nos filmes de Padilha e de Coutinho, ressalta-se a vertente mais antropológica e que parece recorrente em muitos documentários latino-americanos. Nesses casos, tanto a observação participante (*Edificio Master*) como a intervenção do cineasta (*Ônibus 174*) revelam o protagonismo dos realizadores na produção da chamada "realidade". Por outro lado, o método e o posicionamento dos realizadores também provocam a experimentação do próprio formato que flerta com a dicotomia verdade/mentira. Em *Jogo de Cena*, numa espécie de "simulação", Coutinho embaralhara as histórias de vida de atrizes e mulheres comuns que invertem seus papéis ao relatar seus dramas cotidianos. Moreira Salles, por sua vez, ao tentar contar a história do mordomo de sua família, revela a dimensão ética do realizador por meio da confissão ao espectador dos procedimentos de montagem do filme. Assim, as diferenças sociais entre quem filma e quem é filmado tornam-se evidentes. Por fim, Ospina coloca a mentira como metáfora da ignorância da história colombiana. Ao criar um filme sobre um artista que nunca existiu, o diretor expõe a "realidade" dos últimos trinta anos de seu país. Com estilos e temáticas diferentes, esses filmes expressam a idiosincrasia de nossos países, baseados, sobretudo, no tema da desigualdade.

Longe de querer construir categorias com essas agrupações, chama nossa atenção o aspecto político inerente a todos esses filmes produzidos recentemente no nosso continente, seja do ponto de vista temático, de produção ou estético. Nem todos tiveram ampla distribuição nas salas de cinema; alguns, por exemplo, somente circularam em festivais. Ainda assim, a maioria dos filmes citados são obras de reconhecidos realizadores. Por isso, embora não haja espaço aqui, mencionamos a importância de iniciativas como a da TV TAL que não apenas produz documentários em colaboração, mas os faz circular por toda América Latina mediante parcerias com canais públicos de televisão ou ainda iniciativas como as da ONG Vídeo nas Aldeias, que desde 1986 desenvolve produções audiovisuais protagonizadas por realizadores indígenas, apoiando-os em suas lutas para fortalecer suas identidades e patrimônios culturais.

Elen Doppenschmitt é doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e docente na FMUIFIAM-FAAM.

ÚLTIMO BLOCO

LOUCEIRAS: FOTO: HÉLCIO ALEMÃO NAGAMINE



ARTE EM BARRO

Documentário *Louceiras*, dirigido por Tatiana Toffoli, retrata o cotidiano das louceiras da aldeia Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio, Alagoas, que mantém a tradição de confeccionar utensílios de barro. A produção mostra os costumes e ritos da etnia que vive à margem esquerda do Rio São Francisco. As mulheres da tribo têm um papel importante produzindo utilitários de barro como potes, painéis de beijo e caldeirões, provendo o sustento das famílias. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, eles não tinham potes e negociaram com as tribos indígenas. **Dia 14/8, às 12h.** **L**

INSTRUMENTAL SESC BRASIL

O Instrumental Sesc Brasil exhibe o show do arranjador, compositor e pianista *Rafael Macedo*, **dia 24/8, às 21h30** **L**. Vencedor do Prêmio BDMG Instrumental 2013 e 2006, Macedo traz no repertório canções autorais, releituras de Tom Jobim, Egberto Gismonti e Bach. Neste mês, o SescTV apresenta ainda *Lavoura*, **dia 03/08**; *São Paulo Underground*, **dia 10/08**; *Luiz Brasil*, **dia 17/08**; *Nenê Trio*, **dia 31/8**. Domingo, às 21h. Direção para TV: Max Alvim. **L**

LOGOS DIÁLOGOS: FOTO ALEX RIBEIRO



DANÇA AO SOM DE BACH

Dança Contemporânea apresenta *Logos Diálogos*, série de seis espetáculos que reúnem a interpretação solo do violoncelista Dimos Goudarouli. O violoncelista convidou seis coreógrafos brasileiros e companhias de dança diferentes para comporem coreografias para todas as seis Suites de Bach. Participam do projeto os coreógrafos: Jorge Garcia, Luis Arrieta, Henrique Rodovalho, Tíndaro Silvano, Ismael Ivo e Deborah Colker. *Logos Diálogos – Parte 1 – J. Gar. Cia e Luis Arrieta*, **dia 1/8**; *Logos Diálogos – Parte 2 – Quasar Cia. de Dança e Grupo Vórtice*, **dia 8/8**; *Logos Diálogos – Parte 3 – Ismael Ivo e Anacã Cia de Dança*, **dia 15/8**. Todas as sextas, às 21h. **L**

ENFOQUE FOTOGRÁFICO

O SescTV exhibe, neste mês, quatro episódios da série Artes Visuais que têm como tema a fotografia. O artista plástico mineiro *Pedro Motta* apresenta seu atelier. Ele utiliza a fotografia como suporte e tem como tônica de seu trabalho a paisagem. **Dia 6/8**. A exposição *Pitoresco*, que ficou em cartaz em 2010 no Instituto Tomie Ohtake, do fotógrafo *Antonio Saggese*, é tema do programa que será exibido **dia 13/8**. Visita ao ateliê da *Cia de Foto*, criado pelos fotógrafos Pio Figueiroa e Rafael Jacinto, mostra vários trabalhos que misturam fotografia, som e vídeo. **Dia 20/8**. A exposição *German Lorca Fotografias: Acontece ou Faz Acontecer?*, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, é o tema do último episódio da série do mês, **dia 27/8**. Direção de Cacá Vicalvi. Quartas-feiras, às 21h30. **L**

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesctv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

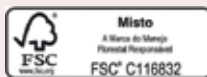
sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hécio Magalhães
Redação: Mariana Souza
Editoração: Marcos Pereira Moreira
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesctv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesctv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vídeo com os destaques da programação.

Movimento

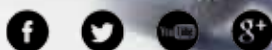
conhecimentos, dicas e orientações
sobre esportes e atividades físicas

20/9, às 20h

episódio de estreia: Ciclismo

Foto: Guenter M. kirchweiger. Site: sxc.hu

Acompanhe: sesctv.org.br



Sesctv

uma ação do Sesc para a campanha

**MOVE**BRASIL